

EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM OS PROFESSORES?

Conceição G. Nóbrega L. de Salles¹
Adma Soares Bezerra²

INTRODUÇÃO

Reconhecer as crianças na sua especificidade, olhá-las e indagá-las para além dos discursos produzidos sobre elas, parece ser um dos desafios hoje, quando pensamos ou praticamos a tarefa educativa na Educação das crianças. Nesse contexto, uma questão que nos chama atenção é a noção de infância presente na grande maioria desses discursos, que a insere em um tempo cronológico, associando-a ao futuro, a uma menoridade duvidosa.

Historicamente, têm-se inventado as mais diversas imagens e concepções da infância, sendo seu conceito e a concepção do pensamento da criança, em diferentes momentos da história da humanidade, reelaborado e modificado. Tal como mostra Gouvêa & Sarmento (2008), apesar dos estudos existentes e da vasta produção acerca das crianças – principalmente a partir do século XX –, nos domínios das ciências da saúde infantil, da psicologia ou no âmbito do que alguns vão chamar “puericultura”, a infância, no que se refere a sua percepção, tendeu sempre a ser estudada na perspectiva da falta. Tal concepção não só esteve presente e marcada em sua etimologia como iluminou (e ainda ilumina) os mais caros ideários pedagógicos, discursos filosóficos e saberes científicos da Modernidade.

Como campo de pesquisa em educação, a trajetória da pesquisa na Educação Infantil vem problematizando com maior intensidade as questões peculiares ao ato de educar, ensinar e aprender nesse nível. Desconfiamos que, apesar das mudanças e do todo processo de resignificação ocorridas nesse campo, inclusive em relação à própria concepção de criança e da sua formação, a escola infantil vem ainda assumindo uma vinculação com a ideia de um vir a ser adulto implicada com uma noção de infância “capturável”, “numerável”, tecnicamente explicada pelo conjunto de saberes (KOHAN, 2005). Tais impasses e desafios constituem o fio condutor da problematização apresentada nesse texto, a qual ultrapassa a especificidade do ensinar e aprender na educação infantil, abrangendo assim, de forma mais ampla, a questão acerca da infância afirmada no contexto escolar.

Diante do exposto, nossa pesquisa tem como problemática e questão norteadora: discutir quais discursos estão configurando as práticas discursivas veiculada entre os professores sobre a infância e a educação da infância.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender os enunciados e os sentidos que configuram a formação discursiva veiculada entre os professores, tanto no que diz respeito à vida infantil quanto ao modo como os adultos se relacionam com esse universo e com a alteridade da infância.

Entre os objetivos específicos, podemos destacar os seguintes:

- Analisar os discursos e os sentidos veiculados entre professores sobre à infância e a educação da infância;

¹ UFPE.

² UFPE.

- Identificar os enunciados que configuram a formação discursiva da infância e da sua educação entre os professores da Educação Infantil;
- Compreender como os professores relacionam-se com a alteridade da infância.

Para a realização deste estudo, apoiamos-nos em uma metodologia de enfoque hermenêutico. Em termos de verificação empírica, delimitamos como nosso campo investigativo os Centros Educacionais de Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Caruaru/Pe. Os sujeitos da nossa pesquisa foram os professores que atuam nestas instituições. No geral foram contemplados 07 (sete) Centros Educacionais e entrevistados um total de 12 (doze) professores. Como procedimento inicial para a coleta de dados, utilizamos entrevistas semi-estruturadas, com perguntas definidas, porém abertas, visando mapear um perfil mais abrangente das maneiras e das configurações discursivas da infância e da sua educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que em seguida se apresentam dizem respeito à análise das entrevistas realizadas. Por meio de um processo de interpretação os discursos presentes nas entrevistas foram se constituindo em um complexo heurístico organizado em torno da seguinte categoria: Infância e seus sentidos e significados. Tal categoria devido à diversidade dimensional apresentada possibilitou a formação de subcategorias, a saber: A infância enquanto etapa; A infância como um *vir a ser adulto*; Infância: entre a “paparicação” e a “moralização”; A infância como intensidade.

A infância enquanto etapa

Tal como demonstrado no fragmento abaixo, o registro sobre a infância se reduz a uma etapa cronológica, a um momento, quase não há a ampliação desse sentido. Ela é imagem do começo, seguramente localizada dentro de uma temporalidade. Associada a ingenuidade, graça e gentileza, a concepção de infância se apresenta na fala da professora como ligada às limitações temporais existentes.

A criança é a fase para ser adulto. Representa o início da vida. O mundo sem elas não existiria. Fazem parte da linha do tempo, desde o seu nascimento até a concretização da fase adulta. É a parte da nossa vida que a gente gostaria de voltar, porque quando se é criança nada é sério, tudo é mero faz-de-conta e é por isso que temos que impor limites (Professor 12).

Na mesma perspectiva, a professora, em seu discurso abaixo, embora reconheça a infância como de fundamental importância na vida de ser humano, sugere que é próprio da criança ser uma etapa, uma fase numerável ou quantificável da vida humana.

A infância é, sim, de fundamental importância para toda a vida do sujeito. Costumo dizer que é o prefácio da vida (Professor 07).

Dessa forma, o lugar outorgado à infância aparece diretamente determinado pelos paradigmas que sustenta o que aqui caberia ser denominado de fase. Em oposição a essa dimensão paradigmática, Kohan (2005) irá afirmar que a infância está muito além disso, pois, ela é sinônimo de afirmação de identidade, de autonomia, enquanto agente social.

A infância como um *vir a ser* adulto

Afirmção inaugurada desde os gregos, sobretudo com Platão – um dos pensadores que mais nitidamente inauguraram essa tradição, particularmente em *A República* –, reaparece de forma muito clara entre os professores entrevistados: a infância, entendida em primeira instância como matéria-prima do objetivo almejado: a adultez.

Eu vejo que a infância é um meio para a vida adulta, mas que não deixe de vivenciar também a infância quando adulto, só que de uma forma mais amadurecida. Eu acho, eu vejo muito a questão da idade, eu vejo que a idade é fundamental pra fase, pra gente passar por ela, né? (Professor 12).

Observa-se através do exposto que comumente nas instituições para a primeira infância são desconsideradas as contribuições que a infância detém. Dessa forma, ela passa a ser vista como um pré-molde para o adulto que irá se constituir, com a função de, como explicita Moss, “moldar e conduzir para constituir um produto final que deverá se encaixar em um ideal social” (2008, p. 240).

Infância: entre a “paparicação” e a “moralização”

Vinculados ao sentimento moderno de infância, o qual de acordo com Kramer (1995) corresponde a duas atitudes contraditórias, os professores indicaram em seus discursos um conjunto de enunciados marcados por um duplo modo de compreender a infância, pela contradição entre moralizá-la e paparicá-la. No primeiro modo, a criança é vista como um ser incompleto, que necessita da “moralização: *Criança quer dizer: Totalmente dependente. Que precisa muito do outro, pra que ele cresça, que ele aprenda, que ele se desenvolva* (Professor 02). No segundo modo, tem-se uma imagem de criança pura, ingênua e prematura: *A infância é a fase da inocência* (Professor 10).

Assim, trata-se de uma infância que se torna desejável e necessária na medida em que as crianças não têm um ser definido, mas que são, sobretudo, orientadas por uma ontologia e uma política da infância que busca instaurar e normatizar o tipo ideal, ao qual uma criança deva se conformar ou o tipo de sociedade ideal que uma criança tem que construir.

A infância como intensidade

Encontramos também nos discursos dos professores outra infância, que habita outros tempos e lugares para ela. Trata-se de ver a infância em si mesma, no presente e não no seu futuro como adulta, a partir da sua própria voz e não apenas através daquilo que os adultos dizem delas, tal como colocado pela professora na fala abaixo:

A infância, eu vejo uma forma de você vivenciar momentos que na vida adulta você não vivencia. Então, é o brincar, é o imaginar e o criar, porque quando você está na sua infância, você tem oportunidade de fazer coisas que na vida adulta você não tem mais, né? (Professor 12).

Dentre outras coisas, a citação acima nos remete à idéia de que a infância é o acontecimento que impede a repetição do mesmo mundo. Ela refere-se a presente necessidade de uma aceitação, de uma inversão das nossas posições e papéis tradicionais, elucidada pela forte aposta na potência criadora da infância em oposição ao modelo e à forma do adulto dominante.

CONCLUSÕES

A título de conclusão e tomando como referência a nossa problemática de pesquisa, assentada em uma perspectiva hermenêutica, podemos afirmar, diante dos dados obtidos uma forte associação da infância e da sua educação com a condição da falta e da ausência. Percebemos também que os professores estão muito ligados a uma temporalidade cronológica da infância, a qual concebe a educação da infância sempre conforme um modelo, o da continuidade cronológica, da história e das maiorias. Temporalidade que, segundo Kohan (2005), ocupa uma série de espaços: as políticas públicas, os estatutos, os parâmetros da educação infantil, as escolas, os conselhos tutelares.

Muito próxima da compreensão engendrada por discursos pedagógicos tradicionais, os quais pensam a infância de uma perspectiva forçada do adulto, encontramos, nas falas analisadas, marcas bem precisas no que se refere ao papel da educação da infância. Uma delas seria a da educação infantil mais atrelada a uma imagem que faz frutificar uma visão da infância restrita a um acontecimento biológico — etário, inscrito na lógica do estabelecido, de uma visão desenvolvimentista da vida, ao número de anos que se tem — do que, desde outra perspectiva, com uma infância que afirma a novidade, a criação e a própria diferença. Ou seja, a infância como figura da alteridade, que interrompe um estado de coisas para propiciar o novo, um outro olhar.

Portanto, praticar o ato docente na Educação Infantil atualmente implica questionar se esta reconhece na criança, as suas particularidades e especificidades, superando e desmistificando os discursos lançados sobre ela ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. A infância interroga a pedagogia. In: SARMENTO, Manuel. GOUVEIA, Maria Cristina (Orgs). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ:Vozes, 2008,- Coleção Ciências Sociais da Educação.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996.

KRAMER, S. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995

KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica: 2005.

MACHADO, Maria Lucia de A. *Encontros e Desencontros em Educação Infantil*. IN: MOSS, Peter. *Reconceitualizando a Infância: Crianças, Instituições e Profissionais*. pág. 235-248. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.